

Amazonino: o imperador encastelado

Cercado por seguranças, o governador do Amazonas se isola em casa e assiste, em pânico, ao desmoronamento de seu império

Mirian Guaraciaba
Zero Hora

Desde terça-feira passada, o governador Amazonino Mendes isolou-se na gigantesca casa que mandou construir num lugar afastado da cidade, na estrada que dá acesso ao Tarumã, uma das praias mais bonitas do Rio Negro.

Cercado de policiais militares e protegido por um circuito interno de TV, o governador tornou-se refém de segredos e negócios escusos compartilhados com ex-amigos e ex-assessores, e alguns secretários da ativa.

Mendes ainda não encontrou uma saída para o escândalo da fita revelada pelos jornais *O Globo* e *Correio Braziliense* que traz um diálogo entre seu filho, Armando Mendes, e o empresário Fernando Bonfim sobre a Econcel — construtora de sua propriedade que estava em nome de testas-de-ferro. Acuado, o governador está em pânico. Na semana passada, chegou a falar em renúncia, quando soube da existência de outras fitas, desta vez com diálogos entre ele e Bonfim, gravados em seu quarto.

Uma fita, revelou Amazonino a um grupo de empresários e políticos, foi enviada ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. Na fita, segundo o próprio Amazonino, ele e Bonfim falam de comissão sobre a compra de geradores para o interior do estado. "Eu sou um homem morto, meus adversários mataram a mim e a meu filho", dizia, desolado.

No dia seguinte, os lamentos de Amazonino surtiriam o efeito desejado: a TV Amazonas, repetidora da TV Globo, fez um editorial contundente condenando o que considera perseguição contra Amazonino por pessoas interessadas em desestabilizar a Zona Franca de Manaus.

SICILIANA

Como na máfia siciliana, o homem que traiu o governador do Amazonas, utilizando métodos tão baixos, frequentava sua casa há 30 anos, era chamado de tio pelos filhos de Amazonino.

Como um bom capo, Fernando Bonfim avisou que jogaria tudo pelos ares se Amazonino Mendes não impedisse o secretário de Fazenda, Samuel Hanan, de liquidá-lo em Manaus. "Se acabarem comigo, vou levar todo mundo", ameaçou há dois meses. Briga de gente grande.

Embora repartisse segredos de alcova com Fernando Franco de Sá Bonfim, homem bem nascido em Manaus, de família tradicional, Amazonino não o levou a sério. Hoje, está desesperado com a possibilidade de Bonfim ter gravado outras conversas ainda mais comprometedoras.

A gravação veiculada pela impre-

sa revela que o segurança do filho de Amazonino soube, bem antes que a polícia, do assassinato do empresário paulista Samek Rosenski, em 1993.

Na fita, ele se refere ao fato, rindo, e conta que o guarda-costas tirou de Rosenski uma agenda com seu nome e o de seu pai.

A vingança de Bonfim tem cheiro de máfia. Amazonino Mendes está sendo vítima da rede de negócios e intrigas que ele mesmo patrocina em toda a região amazônica desde que foi nomeado prefeito biônico de Manaus pelo ex-governador Gilberto Mestrinho, em 1982.

Cercou-se, sem qualquer cuidado, de homens gulosos de poder e de dinheiro. Praticamente todos os seus assessores — graduados, ou nem tanto — têm negócios no governo e disputam verbas públicas.

MÁFIA

Igualzinho à máfia, o secretário de Segurança Pública do Amazonas, Klinger Costa, é um dos que detêm histórias sobre gente graúda do Amazonas. E mete medo. Em 1989, Klinger era secretário do então governador Gilberto Mestrinho, quando descobriu uma enorme falcatrua de re-

missão ilegal de dólares para o exterior e de compra de dólares em Manaus, envolvendo autoridades estaduais.

Decidiu apurar até o fim, contrariando recomendação de Mestrinho. Acabou demitido. Amazonino o acolheu. Hoje, Klinger sabe como, quanto, quem, e para onde são remetidas as economias de alguns ho-

mens poderosos do Amazonas.

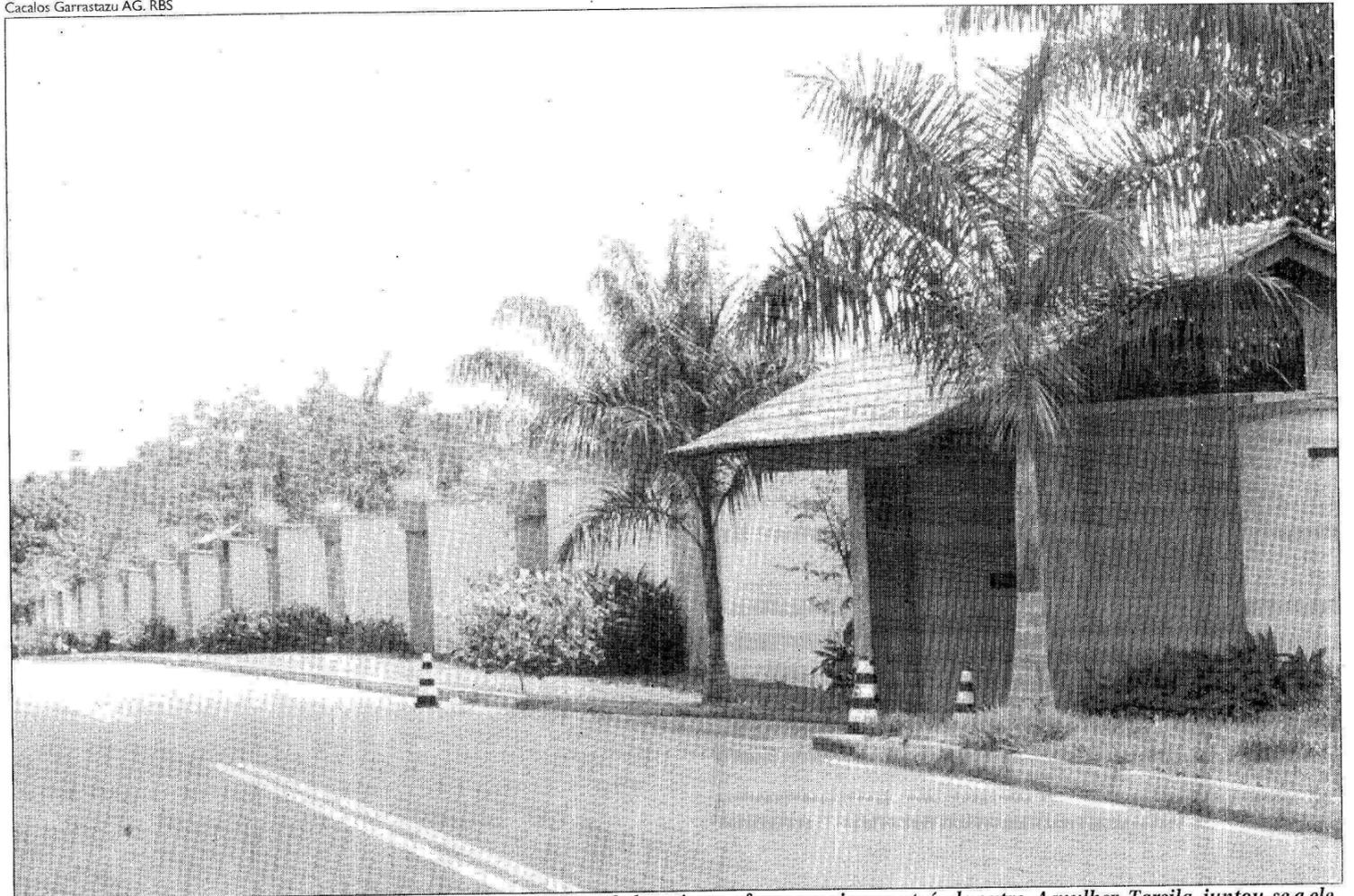
Klinger é uma constante ameaça à paz de Amazonino. Citado como torturador no relatório da Comissão Estadual de Investigações do Estado do Amazonas, de 1964, Klinger Costa também foi demitido pelo então governador Artur César Ferreira Reis do cargo de professor do Colégio Solon de Lucena.

"Klinger Costa, conforme depoimento de seus próprios subordinados e colegas, é famoso por violências e arbitrariedades, usou e abusou da prepotência, agrediu funcionários e pessoas indefesas que eram recolhidas à polícia, seviciando e espancando presos", relatou a comissão.

Em setembro de 1996, o deputado Hélio Bicudo (PT-SP), da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, pediu ao governador do Amazonas que Klinger fosse demitido a bem do serviço público — pesam contra ele denúncias de corrupção — e em nome do bem-estar da população.

Amazonino pediu então a Bicudo que não divulgasse qualquer denúncia contra Klinger até as eleições municipais, prometendo demiti-lo em seguida. Não o fez.

Cacalos Garrastazu AG. RBS



Amazonino isolou-se em casa desde a última terça-feira. Voltou a beber uísque e fuma um cigarro atrás do outro. A mulher, Tarsila, juntou-se a ele

